



***PROGRAMA L'ORÉAL-UNESCO-ABC PARA MULHERES NA CIÊNCIA:
POTENCIALIDADES E LIMITES NA PERSPECTIVA DE LAUREADAS DA
QUÍMICA¹***

***PROGRAMA BRASILEÑO L'ORÉAL-UNESCO-ABC POR LAS MUJERES
EN LA CIENCIA: POTENCIALIDADES Y LÍMITES SEGÚN LAS PREMIADAS
DE QUÍMICA***

***L'ORÉAL-UNESCO-ABC FOR WOMEN IN SCIENCE BRAZILIAN
PROGRAM: POTENTIALITIES AND LIMITS ACCORDING TO CHEMISTRY
LAUREATES***

Gabriela Ferreira²

Camila Silveira³

RESUMO

O Programa L'Oréal-UNESCO-ABC Para Mulheres na Ciência premia jovens pesquisadoras proeminentes e, assim, nosso objetivo foi analisar as trajetórias das vencedoras da Química. Trata-se de uma Pesquisa Social Qualitativa. Os dados foram constituídos pelo site da Academia Brasileira de Ciências, dos Currículos *Lattes* das laureadas e de entrevistas semiestruturadas. Após a Análise Categórica, os resultados apontaram que a premiação consolidou as participantes na carreira científica e elas consideravam a iniciativa importante para suas vidas, as Ciências e a sociedade. Os principais efeitos positivos foram o recebimento de fomento, as oportunidades surgidas e o ganho de visibilidade. Porém, existem problemas relacionados ao programa, como a abrangência restrita e a promoção da meritocracia. Enfim, seria importante que o prêmio promovesse reflexões feministas sobre gênero e Ciências e atuasse de maneira mais abrangente na busca pela equidade na academia.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Processo 315155/2023-0.

² Mestra em Educação em Ciências e em Matemática. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

³ Doutora em Educação para a Ciência. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres na Química. Prêmios Científicos. Prêmio L'Oréal. Entrevista Semiestruturada.

RESUMEN

El Programa Brasileño L'Oréal-UNESCO-ABC Por las Mujeres en la Ciencia premia a destacadas jóvenes investigadoras, y nuestro objetivo fue analizar las trayectorias de las ganadoras de Química. Esta es una Investigación Social Cualitativa. Se constituyeron los datos a través del website de la Academia Brasileña de Ciencias, los Currículos Lattes de las laureadas y entrevistas semiestructuradas. Después del Análisis Categórico, los resultados mostraron que el programa consolidó a las participantes en sus carreras científicas, y ellas consideraron la iniciativa importante para sus vidas, las Ciencias y la sociedad. Los efectos positivos fueron la financiación, las oportunidades que surgieron y la visibilidad. Sin embargo, hay problemas relacionados con el programa, como la cobertura restringida y la promoción de la meritocracia. Sería importante que el programa promoviera las reflexiones feministas sobre género y Ciencias y actuara de manera más integral en la búsqueda de la equidad en la academia.

PALABRAS-CLAVE: Mujeres en Química. Premios Científicos. Premio L'Oréal. Entrevista Semiestructurada.

ABSTRACT

The L'Oréal-UNESCO-ABC For Women in Science Brazilian Program awards outstanding young female researchers, and our goal was to analyze the trajectories of the winners of Chemistry. This is a Qualitative Social Research. We constituted the data through the Brazilian Academy of Sciences' website, the Lattes Curricula of the laureates, and semi-structured interviews. After the Categorical Analysis, the results showed that the program consolidated the participants in their scientific careers, and they considered the initiative important for their lives, the Sciences, and society. The positive effects were funding, opportunities that emerged, and visibility. However, there are problems related to the program, such as limited coverage and promotion of meritocracy. It would be important that the program promote feminist reflections on gender and Sciences and act more comprehensively in the search for equity in academia.

KEYWORDS: Women in Chemistry. Scientific Awards. L'Oréal Award. Semi-structured Interview.

* * *

Alguns apontamentos sobre Mulheres nas Ciências

Pesquisadoras são sub-representadas em diversos aspectos das Ciências, enfrentando com frequência discriminações e violências de gênero em seus ambientes de trabalho. Para compreender este fenômeno, nos baseamos na autora brasileira Heleieth Saffioti, que afirma que os homens mantêm as mulheres em um regime de exploração-dominância, operando sob a lógica do nó frouxo gênero, raça/etnia e classe. Essas três contradições são unidas por uma estrutura de poder e influenciam todas as esferas sociais, inclusive o campo acadêmico. Com isso, mulheres, pessoas não brancas e pobres

experimentam situações de subalternização e o envelamento dos fatores também influencia drasticamente a experiência social de cada indivíduo (Saffioti, 2015).

O conceito da Divisão Sexual do Trabalho, desenvolvido por Danièle Kergoat e Helena Hirata, também contribui com a reflexão. Trata-se da divisão do trabalho social baseada nas relações de gênero⁴, que se caracteriza pela destinação dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva da economia. Simultaneamente, as funções de forte valor social agregado são atribuídas aos homens (Kergoat, 2009), o que inclui o trabalho na pesquisa científica. Assim, temos que a Divisão Sexual do Trabalho se baseia em dois princípios definidores que têm nítido efeito sobre as Ciências. Há o princípio da separação, que diferencia áreas de atuação de mulheres e de homens; e o princípio da hierarquização, no qual um trabalho de homem é mais valorizado que um de mulher, mesmo se desempenhado na mesma função (Kergoat, 2009).

No Brasil, o trabalho científico é desempenhado principalmente no topo da carreira docente e dentro das universidades, onde se constituem as autoridades e referências, fazendo com que seja considerado uma atividade masculina. Isso também se relaciona ao acesso tardio das mulheres às universidades, influenciando na atual sub-representação feminina no Magistério Superior; ao androcentrismo presente desde o início do desenvolvimento das Ciências, dentre diversos outros fatores.

Sendo assim, a marginalização das mulheres no contexto acadêmico é decorrente do nó frouxo gênero, raça/etnia e classe que há séculos favorece homens brancos de classes mais altas (Saffioti, 2015), bem como da Divisão Sexual do Trabalho (Kergoat, 2009), que determina quais áreas elas são mais bem aceitas e as retêm nos patamares mais baixos. Pensando nisso, políticas e ações afirmativas são necessárias para que as oportunidades sejam justas para os grupos menos favorecidos, sempre atentando para a interseccionalidade. Nas Ciências, uma das principais formas de ação afirmativa e financiamento são as premiações e, dentre elas, o maior prêmio para mulheres cientistas é concedido pelo Programa L'Oréal-UNESCO-ABC Para Mulheres na Ciência (PMNC), que reconhece jovens pesquisadoras proeminentes. Portanto, nosso objetivo foi analisar as relações de gênero presentes nas trajetórias das pesquisadoras da Química laureadas pelo PMNC, suas opiniões e as potencialidades e limites do programa. Dessa forma,

⁴ As autoras feministas francesas costumam empregar o termo “relações sociais de sexo”, o qual consideramos sinônimo de “relações de gênero”, mais comum no caso das autoras estadunidenses e empregado por Heleieth Saffioti.

trazemos considerações sobre o prêmio, seguidas da metodologia empregada, os resultados e discussão a partir de categorias e nossas considerações finais.

Para Mulheres na Ciência: a primeira premiação destinada às cientistas

Premiações científicas são uma das formas mais antigas de política em favor das Ciências, Tecnologia e Inovação, geralmente realizadas por sociedades científicas e/ou empresas (Nerina Fernanda Sarthou, 2019). Bruno Frey e Jana Gallus (2017) afirmam que prêmios acadêmicos são importantes, pois, além de destacarem conquistas entre pares, incentivam as/os premiadas/os a continuarem buscando a excelência, o que pode se estender para outras pessoas da comunidade que venham a desejar o reconhecimento.

As premiações, assim como publicações e outros tipos de produção, são importantes para o desenvolvimento de cientistas segundo a lógica meritocrática das Ciências, influenciando decisões relacionadas à continuidade e ascensão na carreira. No entanto, as mulheres recebem muito menos honorarias que os homens e as justificativas para isso frequentemente se baseiam no “efeito funil” (Sarthou, 2019, p. 93), em que a suposta escassez de mulheres com trajetórias científicas consolidadas dificultaria a identificação de candidatas aptas a serem premiadas. Embora o número de doutoras em Ciências e Tecnologia e a atuação feminina no trabalho científico tenham aumentado, a concessão de prêmios às pesquisadoras não acompanhou esse crescimento de maneira observável (Sarthou, 2019). Assim, começaram a surgir premiações exclusivas para pesquisadoras, com o intuito de celebrar as mulheres cientistas e sendo uma forma de ação afirmativa.

Em 1998, foi criado o L’Oréal-UNESCO *For Women in Science International Awards*, a primeira premiação para pesquisadoras no mundo. Sendo uma parceria entre a Fondation L’Oréal e a UNESCO, seu propósito é fomentar a participação das mulheres nas Ciências e, conforme o site oficial, contribuir para que elas atuem igualmente na resolução dos desafios da humanidade (For Women in Science, c2024).

A iniciativa possui considerável relevância no cenário científico mundial, pois, dentre as mais de 100 vencedoras, cinco também foram galardoadas com Prêmios Nobel. Duas receberam o Nobel de Fisiologia ou Medicina, no caso, Elizabeth Blackburn foi laureada pelo *For Women in Science* em 2008 e pelo Nobel em 2009; e Katalin Karikó foi contemplada pelo *For Women in Science* em 2022 e pelo Nobel em 2023. Outras três receberam o Nobel de Química: Ada Yonath recebeu o *For Women in Science* em 2008 e foi laureada com o Nobel em 2009; e Emmanuelle Charpentier e Jennifer Doudna foram

laureadas pelo *For Women in Science* em 2016 e receberam o Nobel em 2020 (Fondation L'Oréal, [s.d.]; The Nobel Prize, c2024).

A partir do L'Oréal-UNESCO *For Women in Science International Awards*, emergiram 53 iniciativas nacionais e regionais (For Women in Science, c2024). No Brasil, o Programa L'Oréal-UNESCO-ABC Para Mulheres na Ciência (PMNC) surgiu em 2006, contando com a Academia Brasileira de Ciências (ABC) na organização e premiando anualmente jovens doutoras com projetos científicos considerados de alto mérito (Academia Brasileira de Ciências, [s.d.]). Para tal, é feito um julgamento por parte de pesquisadoras/es indicadas/os pela ABC, representantes da UNESCO e da L'Oréal Brasil e sendo presidido pela/o presidente da ABC. Desde 2016, o valor da bolsa é de 50 mil reais por vencedora, a ser aplicado em 12 meses (For Women in Science, 2024).

O prêmio é concedido a sete mulheres: quatro das Ciências da Vida, uma das Ciências Físicas, uma da Matemática e uma da Química (Academia Brasileira de Ciências, [s.d.]). De acordo com o edital de 2024, essas áreas foram escolhidas devido ao desequilíbrio de gênero persistente nelas (For Women in Science, 2024), porém dados mostram que a estrutura do PMNC não possui bases científicas. Por exemplo, as Engenharias, de reconhecida disparidade de gênero (Parent in Science, 15 dez. 2022), foram excluídas. Já no caso da exclusão das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, ela pode se basear em uma discriminação decorrente da “não neutralidade” dessas áreas (Saffioti, 2015), ou talvez no fato de serem campos que não representam um interesse econômico para a empresa promotora.

Apesar da importância do PMNC, são poucas as pesquisas que o abordam. Fabiani Figueiredo Caseira (2016) investigou a edição de 2013 do programa, problematizando-o a partir de estudos feministas pós-estruturalistas. Por sua vez, Juliana Cardoso Pereira (2019) analisou as edições de 2006 a 2018, encarando o prêmio enquanto um dispositivo de visibilidade para pesquisadoras, sob lentes foucaultianas. As duas autoras observaram controvérsias, como a restrição a poucas áreas do conhecimento, os discursos empregados nas cerimônias de entrega que muitas vezes reforçam estereótipos de gênero, a forma como as laureadas são representadas nas fotografias, o reforço da ideia de que as vencedoras têm algum talento especial, dentre outras questões. Tendo isso em vista, ressaltamos que, apesar de considerar o PMNC uma ação afirmativa, entendemos que se trata da iniciativa de uma indústria privada e diversas problemáticas decorrem disso.

Portanto, sabendo da relevância do programa, das arbitrariedades envolvidas e da falta de estudos, consideramos que existe uma lacuna. Isso soma-se às pesquisas sobre

mulheres e gênero no Ensino de Ciências serem incipientes (Bettina Heerdt *et al.*, 2018). Por exemplo, segundo Tamara Rossweiler Marques Cardoso (2019), discussões sobre premiações para pesquisadoras não eram presentes no Ensino de Química até 2019. Ainda, Ingrid Derossi e Fernanda Luiza de Faria (2021) afirmam que os artigos sobre gênero no Ensino de Química ficavam restritos a descrição de fatos científicos, problematizando pouco os sexismos nas trajetórias das cientistas pesquisadas. Logo, torna-se urgente a realização de novas investigações e o aprofundamento nas discussões.

Além disso, o presente trabalho se trata de um recorte de uma pesquisa de Mestrado na qual enfocamos a Química, por ser uma área em que a representatividade feminina diminui à medida que se elevam os patamares da carreira, em especial após o vínculo empregatício (Naiane Naidek *et al.*, 2020). Por exemplo, dados de 2021 indicam que as pesquisadoras representavam 29,8% dentre bolsistas Produtividade em Pesquisa (PQ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em Química, recebendo apenas 10,2% das bolsas PQ-1A, o maior estrato (Parent in Science, 3 dez. 2022). Bem como a Sociedade Brasileira de Química (SBQ) elegeu apenas três mulheres como presidentas desde sua fundação, em 1977 (SBQ, c2024).

Por sua vez, o PMNC pode ser considerado um indicador de prestígio e proeminência na carreira científica a partir de uma visão produtivista, pois as vencedoras cumprem altas exigências de produção ainda jovens. Ou seja, elas são vistas como talentosas e atingem métricas que nem todas as cientistas conseguem durante a juventude, por uma série de fatores sociais, históricos e culturais. Sendo assim, desenvolver estudos sobre as participantes do programa se torna importante para compreender as implicações em ser uma mulher cientista premiada e os impactos que este reconhecimento tem nas carreiras, ainda possibilitando entender aspectos socioculturais do prêmio em si.

Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa é de natureza Social Qualitativa, pois, ao focar a trajetória das laureadas pelo Programa Para Mulheres na Ciência em Química, tal abordagem permite aprofundar nos significados atribuídos por elas às suas ações e sentidos, se preocupando com uma realidade subjetiva. Dessa forma, é possível investigar algumas dinâmicas das relações de gênero no ambiente acadêmico, na perspectiva de mulheres lá inseridas. Ainda, toda pesquisa é ideológica, não existindo uma Ciência neutra (Maria Cecília de Souza Minayo, 2007). Em nosso caso, assumimos um posicionamento

feminista marxista, segundo Saffioti, considerando sua contribuição para a compreensão da realidade das trabalhadoras brasileiras; e feminista materialista, conforme Hirata e Kergoat, pioneiras em repensar o trabalho por meio de uma ótica feminista. A escolha pelas autoras se deu pela possibilidade de se discutir as relações de gênero nas trajetórias de pesquisadoras, enquanto mulheres trabalhadoras.

Para a constituição dos dados, visitamos as páginas dedicadas ao PMNC no site da ABC e buscamos os Currículos *Lattes* das vencedoras da Química. Seleccionamos para entrevistar todas as laureadas da área, totalizando 20 pesquisadoras, e obtivemos a participação de seis. Então, realizamos entrevistas semiestruturadas no segundo semestre de 2023. Nos encontros, abordamos aspectos relacionados ao programa, como a inscrição, o recebimento da láurea, o desenvolvimento e a finalização do projeto agraciado, as mudanças causadas pelo prêmio na carreira, nas relações interpessoais e com a temática de gênero e as opiniões sobre o PMNC em si. Para preservar as identidades das entrevistadas, atribuímos codinomes que são homenagens a outras cientistas brasileiras, por exemplo, o codinome “Nise” reverencia a psiquiatra brasileira Nise da Silveira (1905–1999), que revolucionou seu campo de atuação.

Realizamos a análise dos dados segundo os pressupostos da Análise Categorical (Robert C. Bogdan; Sari Knopp Biklen, 1994), no caso, desenvolvemos um sistema de codificação a partir de leituras exaustivas dos depoimentos em busca de padrões e regularidades, procurando tópicos que se sobressaíssem nas falas. Assim, emergiram as seguintes categorias *a posteriori*: a) Ser laureada pelo Programa Para Mulheres na Ciência; b) Impactos do Programa Para Mulheres na Ciência na carreira das laureadas; e c) Opiniões sobre o Programa Para Mulheres na Ciência. Por fim, os resultados foram discutidos com base nos referenciais teóricos feminista materialista e feminista marxista, a partir das relações de gênero e em diálogo com outras pesquisas.

Resultados e Discussão

De 2006 a 2022, o Programa L'Oréal-UNESCO-ABC Para Mulheres na Ciência concedeu 20 láureas para mulheres da Química, cujos projetos envolviam principalmente tratamento de doenças, questões ambientais e desenvolvimento industrial. Dentre elas, seis participaram desta pesquisa e o Quadro 1 apresenta o perfil das entrevistadas.

QUADRO 1: Perfil das entrevistadas em termos de idade, raça/etnia, quantidade de filhas/os, origem geográfica e subárea da Química.

| Codônimo | Idade | Raça/etnia | Filhas/os | Região | Subárea da Química |
|----------|-------|------------|-----------|----------|---------------------------------|
| Anita | 51 | amarela | 1 | Sudeste | Bioquímica |
| Helena | 48 | parda | 1 | Sudeste | Química Medicinal Computacional |
| Isabela | 35 | branca | 0 | Nordeste | Química de Materiais |
| Leda | 41 | parda | 0 | Norte | Química de Produtos Naturais |
| Nise | 39 | branca | 1 | Sul | Físico-Química |

Fonte: Autora, 2023.

Como mostra o Quadro 1, as idades variaram de 39 a 51 anos, havendo vencedoras de edições mais recentes e mais antigas. Tivemos a participação de três representantes brancas, duas pardas e uma amarela. Com relação a maternidade, quatro eram mães de uma única criança, cujas idades variavam de bebês até adolescentes, e as outras duas não possuíam filhas/os. Três eram da Região Sudeste, uma do Nordeste, uma do Norte e uma do Sul. Duas eram da subárea de Química de Produtos Naturais, uma da Bioquímica, uma trabalhava com Química Medicinal Computacional, outra com Química de Materiais e a última era da Físico-Química e suas subáreas não mudaram ao longo da vida.

Sobre o momento da carreira em que as laureadas estavam quando receberam o PMNC, Anita foi agraciada em seu primeiro ano de Pós-Doutorado e, no ano seguinte, tornou-se docente universitária. Helena era docente em sua universidade há quatro anos quando recebeu a honraria. Isabela estava realizando um Pós-Doutorado quando foi reconhecida pelo PMNC e, poucos meses após a cerimônia, passou no concurso para professora-pesquisadora. Leda já havia sido aprovada em dois concursos quando foi laureada, primeiramente assumiu o cargo de docente em uma universidade no interior de seu estado, depois foi contratada na capital, onde logo se inseriu na Pós-Graduação e venceu o PMNC. Nise havia sido contratada em sua universidade há três anos quando foi reconhecida. Sonia, enfim, já atuava como professora-pesquisadora há quatro anos no momento que recebeu a premiação.

Na época das entrevistas, todas eram bolsistas PQ do CNPq e três eram membras afiliadas ou ex-afiliadas da ABC. Todas eram líderes de grupos de pesquisa, possuíam laboratórios próprios e coordenavam projetos de diferentes naturezas. Havia recebido outras premiações, antes e depois do PMNC, a maioria relacionadas ao reconhecimento de suas/seus orientandas/os. Também obtivemos o depoimento de uma laureada pelo L'Oréal-UNESCO *For Women in Science International Rising Talents*, uma das premiações internacionais do *For Women in Science*, mas ela não foi indicada neste

trabalho para não comprometer seu anonimato, pois poucas brasileiras receberam a honraria. Na sequência discutimos acerca das categorias surgidas dos relatos.

Ser laureada pelo Programa Para Mulheres na Ciência

De início questionamos como foi a inscrição no Para Mulheres na Ciência e várias entrevistadas mencionaram que não se sentiam confiantes ou hesitaram em submeter suas propostas. Os motivos variaram, incluindo descrença em seus potenciais e dúvidas quanto à possibilidade de serem laureadas, inclusive devido a premiação estar concentrada no eixo Sul-Sudeste, como mostra a fala da entrevistada nortista:

“E aí eu fui olhar quem já tinha ganhado, aí eu falava assim: ‘nossa, um monte de mulher muito boa, o currículo muito bom, não vou ganhar isso aqui não’, mesmo sabendo que eu tinha o currículo bom também [... e] uma curiosidade que sempre me desperta nessas coisas, nessas premiações, nessas distinções entre pesquisadores e pesquisadoras é que sempre fica muito concentrado, né? As pessoas do Sul e Sudeste, então, no prêmio nunca tinha ganhado ninguém do Norte” (Leda).

Essa incerteza quanto ao próprio currículo pode dar indícios da socialização feminina. As mulheres são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis que são contrários a se colocar em situações de competição (Saffioti, 2015), além de a socialização muitas vezes instaurar nelas um medo inconsciente do fracasso, que prejudica suas aspirações e pode reduzir o ímpeto na busca por realizações profissionais (Saffioti, 1976). Soma-se o fato de o ambiente acadêmico ser frequentemente um lugar de desconforto para as mulheres, por ser pautado em valores androcêntricos, competitivos (Betina Stefanello Lima, 2013) e meritocráticos, portanto, concorrer a uma premiação associada a isso pode gerar dúvidas e inseguranças.

A concentração das premiadas no Sudeste e no Sul, por sua vez, se relaciona às assimetrias entre as regiões brasileiras no âmbito do desenvolvimento científico. A maior parte dos programas de Pós-Graduação (Assimetrias, 2023) e de bolsistas PQ do CNPq reside no eixo Sul-Sudeste (Rocelly Cunha; Magda Dimenstein; Candida Dantas, 2021), demonstrando a centralização do investimento à pesquisa. O motivo é o modelo de centro e periferia no qual a constituição das Ciências é baseada, no caso, são fortalecidos alguns centros de pesquisa situados nos centros do poder político e econômico, e as demais áreas permanecem subordinadas (Elias Nazareno; Alexandre Ferraz Herbetta, 2019).

Dessa forma, o PMNC é tanto um reflexo da assimetria, como a reforça ao continuar laureando predominantemente mulheres do eixo Sul-Sudeste, por quase duas décadas. Embora o programa se proponha a fomentar a participação feminina nas Ciências, os dados indicam que essa ação afirmativa pouco alcança as cientistas mais vulneráveis, especialmente as de fora dos grandes centros de pesquisa, onde os recursos são mais escassos.

Tratando-se do recebimento das láureas, observamos que as cerimônias de entrega variaram em termos de formato, local, ações e materiais de divulgação ao longo do tempo, mas os relatos foram unânimes quanto ao impacto positivo desses momentos. A maioria dos depoimentos mencionou a recepção em hotéis, os cuidados com cabelo, maquiagem e roupas proporcionados pela organização e, em alguns casos, o recebimento de produtos L'Oréal. Exemplificamos com o excerto:

“Então eu lembro de chegar no hotel e ter um kit da L'Oréal em cima da cama, [...] então a gente ganha tudo, né? Ganha maquiagem, cabelo [...] e a cerimônia é algo bem pomposo [...] A gente vai de vestido longo, bem de gala, tem um coquetel e eles te tratam absurdamente bem. [...] foi muito emocionante, foi algo para lembrar para a vida.” (Sonia).

Observamos o quanto as laureadas se sentiram apreciadas e valorizadas durante as cerimônias, sendo este reconhecimento público um dos pontos centrais das premiações (Frey; Gallus, 2015). Na maioria dos eventos e materiais promocionais, as vencedoras estão com vestidos de gala, cabelo e maquiagem feitos, exaltando uma feminilidade heteronormativa que não é bem-vinda nos laboratórios. Isso, pois, tais artifícios evidenciam o corpo, ao invés de anulá-lo (Pereira, 2019). Para Paula Nunes (2017), a racionalidade obriga o silenciamento do corpo feminino, se fazendo necessário escondê-lo para ocupar o espaço das Ciências, o que vai contra a forma como as laureadas se apresentam nas cerimônias do PMNC.

Todavia, na opinião das entrevistadas, tratava-se de um cuidado vindo da organização que consideravam positivo. A partir disso, questionamos a noção de que penteados, maquiagens, vestidos e saltos altos são formas de se cuidar de uma mulher. Reconhecemos que essas produções podem até ser prazerosas, mas é necessário problematizar a associação entre cuidado e atitudes que impõem determinado ideal de feminilidade, que é carregado de muitos significados negativos para as mulheres.

Considerando ainda o envolvimento de uma indústria cosmética no PMNC, torna-se imprescindível atentar para isso, por ser uma empresa que se vale da imposição dessas

características e atitudes baseadas no gênero para lucrar. É nítido que se busca empregar um discurso feminista no programa, mas que é neoliberal. O prêmio se apropria da pauta feminista, a esvazia e possivelmente a instrumentaliza para comunicar uma imagem de empresa inclusiva. Porém, as controvérsias surgem no momento que, apesar do objetivo de valorizar as pesquisadoras, há tanto o reforço de estereótipos de gênero, quanto a promoção das Ciências em seus moldes tradicionais, que são alvo de duras críticas por parte de autoras feministas. Isso, pois, perpetua estruturas de poder patriarcais e capitalistas. Soma-se ainda a possibilidade de a iniciativa mascarar práticas violentas da indústria, inclusive contra mulheres, que são características do capitalismo.

Ademais, notamos que as laureadas são colocadas como heroínas das Ciências nas fotografias e discursos proferidos durante as cerimônias. O entendimento que pesquisadoras são heroínas reforça o não pertencimento das mulheres “comuns” ao campo acadêmico (Pereira, 2019), causando um distanciamento que pouco contribui com a busca pela equidade de gênero nas Ciências. Apenas demonstra que para uma mulher conseguir “vencer a batalha” e se tornar cientista, ela precisa de “algo a mais”, o talento muitas vezes mencionado nos eventos. Considerando produtivismo da academia, que a premiação legítima e promove, destacar-se também envolve ser obrigada a operar segundo a objetividade descorporificada, neutra e meritocrática das Ciências (Donna Haraway, 1995), que marginaliza mulheres, pessoas não brancas e demais minorias sociais.

O que de fato é necessário para as mulheres cada vez mais se tornarem pesquisadoras não é “algo a mais”, mas uma prática científica baseada nos conhecimentos situados colocados por Haraway (1995), que reconhecem as subjetividades e a influência das questões sociais nas Ciências. Ainda, são imprescindíveis políticas que combatam os preconceitos de gênero, raça/etnia e classe que entravam a inserção e a permanência delas na carreira. Nesse caso, podemos mencionar algumas iniciativas, como o pioneirismo do Instituto Serrapilheira ao levar em conta a maternidade em seus editais de fomento. No âmbito do Ensino, temos o Comitê de Assessoramento da Divulgação Científica do CNPq, que também considera a maternidade para a distribuição de bolsas PQ. Além disso, podemos citar o Atlânticas – Programa Beatriz Nascimento de Mulheres na Ciência, lançado em 2023 pelo Ministério da Igualdade Racial em parceria com outros órgãos, que fomenta bolsas de Doutorado e Pós-Doutorado sanduíche no exterior para mulheres negras, quilombolas, ciganas e indígenas (Ministério da Igualdade Racial, 2023).

Apesar dessas questões, o PMNC permanece sendo uma importante iniciativa e observamos que as participantes foram significativamente impactadas por ele, como discorreremos a seguir.

Impactos do Programa Para Mulheres na Ciência na carreira das laureadas

Todas as entrevistadas reconheceram a importância do PMNC e a maioria o considerou um ponto de virada em suas carreiras. Os principais benefícios mencionados foram o ganho de visibilidade, as oportunidades surgidas e o apoio financeiro.

Quanto à visibilidade, as participantes relataram sobre entrevistas concedidas, aparições em diferentes mídias, convites para eventos, atração de estudantes para seus grupos de pesquisa e reconhecimento entre pares. Exemplificamos com o comentário:

“[...] alavancou demais a minha carreira, pela visibilidade, pela projeção que deu e pelas oportunidades que abriram, eu tive muitas oportunidades, tanto na mídia, de pessoas me conhecendo, de conhecer pessoas diferentes [...]” (Nise).

Quando afirmam que o PMNC promove uma visibilidade muito positiva, notamos a importância da divulgação de seus nomes e trabalhos para a consolidação e ascensão na carreira, pois, tornando-se mais conhecidas, aumentam-se as chances de estabelecer parcerias e atrair estudantes, entre outras possibilidades. A visibilidade também foi considerada benéfica pelas vencedoras argentinas entrevistadas por Sarthou (2019).

Além disso, a invisibilização das pesquisadoras é uma das estratégias para mantê-las subalternizadas, ao fortalecer a ideia da suposta ausência das mulheres nas Ciências. Assim, dar visibilidade a elas é essencial para combater a concepção de que as Ciências são um campo masculino e a premiação contribui com a desconstrução do estereótipo do cientista homem. Contudo, a representação das vencedoras deve ser questionada, pois as imagens veiculadas frequentemente reforçam uma feminilidade ritualizada e a ideia de heroínas das Ciências (Pereira, 2019). De fato, as mulheres cientistas devem ser enaltecidas, mas a maneira de fazê-lo precisa considerar discussões feministas sobre a construção do feminino, evitando a substituição de um estereótipo por outro, e sobre o desenvolvimento científico em si, desconstruindo a neutralidade das Ciências (Saffioti, 2015) e buscando a produção de conhecimentos localizados (Haraway, 1995).

A visibilidade também se relaciona às oportunidades surgidas. Neste aspecto, as participantes mencionaram convites para eventos importantes das Ciências e

oportunidades para conhecer cientistas renomadas/os internacionalmente, inclusive após passado algum tempo do recebimento do PMNC, como mostra o relato:

“Então teve [...] um jantar do Nobel na Embaixada da Suécia no Brasil. E como eles queriam uma pessoa que pudesse falar sobre uma das linhas de pesquisa de uma das laureadas do Nobel, [...] a Embaixada me procurou [...] e eu participei, e certamente eu acho que teve uma influência nesse prêmio, eu acho que o prêmio L'Oréal sempre é algo que dá visibilidade [...]” (Anita).

Essa e outras oportunidades permitiram que as laureadas circulassem em ambientes acadêmicos variados, o que consideravam positivo pelas possibilidades de estabelecerem parcerias, se tornarem mais conhecidas e, portanto, se firmarem cada vez mais no campo.

Tratando-se do recurso proporcionado pelo PMNC, todas relataram ter utilizado o dinheiro para equipar os laboratórios comprando materiais de consumo, computadores, mesas, impressoras, entre outros. Também houve pagamentos de bolsas para estudantes e participações em congressos. Nesse sentido, a fala de Isabela demonstra a importância de o fomento ter surgido especificamente no começo de sua carreira de pesquisadora:

“Essa bolsa serviu para eu começar, realmente, porque no começo é muito difícil ganhar projeto [...], foi o valor que me ajudou a consolidar o meu laboratório [...]. Então com esse valor, eu consegui custear os reagentes, os equipamentos necessários, de início, pelo menos o básico para conseguir publicar alto e de forma independente, [...] então, eu posso dizer a você que desse investimento, eu tive, até hoje, o melhor artigo da minha carreira [...]” (Isabela).

Ao iniciar uma carreira na pesquisa em Química, custear reagentes, vidrarias, equipamentos e demais insumos são desafios para cientistas em geral, porém ainda maiores para as mulheres. Neste caso, a isonomia salarial e o acesso ao Magistério Superior via concurso público criam uma falsa sensação de igualdade de gênero (Lima, 2008). Mas o que de fato financia as atividades científicas são os fomentos e, dessa maneira, surgem classes sociais específicas das Ciências devido à distribuição desigual deles. Ou seja, quem ocupa as classes mais altas aprova mais projetos e recebe mais recursos, e quem está nas classes mais baixas tem dificuldades em conquistar fomento e desenvolver seus estudos. Embora Saffioti não tenha estudado particularmente as pesquisadoras, a mencionada separação de classes sociais científicas também funciona segundo a lógica do nó gênero, raça/etnia e classe. Portanto, além de as mulheres negras serem as menos representativas na academia (Betina Stefanello Lima; Maria Conceição da Costa, 2016), elas são as que menos recebem financiamento.

De maneira complementar, o efeito Matilda, que implica em diversas formas de subalternização das cientistas, explica os desafios que as pesquisadoras jovens têm em conseguir fomento. O sistema de capital científico mantém um círculo vicioso, no qual é dado mais dinheiro às/aos cientistas consolidadas/os e retira-se de quem já não tem (Lima, 2008), promovendo o acúmulo de capital e diminuindo a mobilidade entre as classes. Conseqüentemente, as mulheres recebem muito menos investimento que os homens (Sarhou, 2019), principalmente as que estão começando. Sem recursos para financiar suas pesquisas, elas enfrentam problemas para publicar, fortalecer seus currículos e competir por outros financiamentos, que são distribuídos com base nas mesmas métricas de produtividade.

Um motivo para essa escassez de recursos para as pesquisadoras é a Divisão Sexual do Trabalho. É necessário ao capitalismo que as mulheres permaneçam pouco remuneradas em seus trabalhos formais, para garantir que desempenhem o trabalho de reprodução social (Hirata, 2010). Logo, ao não fomentar as pesquisadoras, reforça-se seu lugar no trabalho reprodutivo, sendo este indispensável para a produção de mão de obra e de novas reprodutoras.

Consideramos que, em maior ou menor grau, as entrevistadas receberam o Para Mulheres na Ciência quando estavam em uma classe social mais baixa em termos de fomento. O dinheiro do prêmio permitiu que superassem momentaneamente um dos aspectos do efeito Matilda (Lima, 2008; Sarhou, 2019), melhorando a infraestrutura de seus laboratórios e, com isso, puderam trabalhar e produzir publicações de alta qualidade, o que possibilitou a ascensão na carreira de diversas maneiras. Após a premiação, elas conseguiram se tornar bolsistas PQ, aprovar outros projetos, estabelecer parcerias com a iniciativa privada, assumir cargos de liderança, entre outros avanços.

A respeito da conquista de recursos após a premiação, o programa inicialmente fez com que driblassem o efeito Matilda, contudo, à medida que suas carreiras avançaram, começaram a operar sob a lógica desse mesmo efeito, acumulando capital (Lima, 2008). Com isso, alcançaram uma posição mais privilegiada no universo acadêmico, embora provavelmente continuem menos capitalizadas que os homens.

Dessa forma, notamos que o Para Mulheres na Ciência surge como uma aposta em profissionais que demonstram potencial para ascender na academia, fornecendo o apoio financeiro necessário para impulsionar suas carreiras. No caso de todas as entrevistadas, o investimento trouxe resultados positivos, tornando-as exemplos do objetivo final do programa: cientistas consolidadas.

Também questionamos se o reconhecimento causou alguma mudança na relação delas com os pares, em especial dentro dos institutos e departamentos. Os relatos incluíram a percepção de que o prêmio causou incômodo e inveja nas pessoas, o fato de terem se tornado mais conhecidas pelas/os colegas, além de uma das entrevistadas mencionar que não observou qualquer alteração. Também houve entrevistadas afirmando que passaram a ser respeitadas devido à premiação, como mostra o excerto:

“Mas muda as pessoas, realmente quem conhece esse prêmio sabe o que ele significa, [...] as pessoas respeitavam mais. Então, [...] eu gosto de ganhar o prêmio, mas eu não gostaria que, por causa do prêmio, me respeitassem, eu gostaria que a comunidade respeitasse porque faz parte da Ciência se respeitar [...]” (Nise).

Nise considerava negativo esse ganho de respeito, como se apenas fosse respeitada por causa da premiação, não porque respeito deve fazer parte das Ciências. Segundo ela, isso a colocaria em uma posição de privilégio, reconhecendo que outras cientistas não recebiam esse tipo de tratamento. Na mesma perspectiva, foi citado o ganho de credibilidade na comunidade:

“[...] o] ganho de credibilidade nas minhas pesquisas, um olhar que até então eu acho que não recebia, eu passei a ser ouvida mesmo, assim, sabe? De repente parece que ganhei voz e eu posso falar sobre os meus projetos, falar sobre Ciência, falar sobre mulheres na Ciência, então acho que o prêmio me fez ser ouvida, ganhar um pouco de voz na comunidade que, até então, eu achava que eu tinha zero.” (Sonia).

As Ciências, funcionando conforme a Divisão Sexual do Trabalho (Kergoat, 2009), mantêm as mulheres em uma posição subalterna e seu pertencimento ao ambiente acadêmico pode facilmente ser questionado. Por conseguinte, ser levada a sério, ser respeitada e ter sua voz ouvida são possíveis desafios na vida das pesquisadoras. A credibilidade, por sua vez, muitas vezes exige conquistas para ser obtida no campo das Ciências em geral, mas requer feitos ainda maiores no caso das cientistas mulheres. Portanto, os relatos de só terem conseguido respeito e credibilidade após o PMNC nos levam a refletir: o que as demais pesquisadoras precisam fazer para conquistar respeito e credibilidade? Apenas as mulheres premiadas conseguem isso? E o que um homem precisa fazer para ser respeitado e credibilizado?

Decerto, ser reconhecida pelo maior prêmio para mulheres cientistas é uma grande conquista e tais efeitos são esperados, mas nos parece que o ganho de respeito e credibilidade pode se limitar às vencedoras, o que contribui pouco para a luta das

mulheres cientistas como classe social. É essencial lembrar que existem muitas outras pesquisadoras não premiadas que também devem ser respeitadas e credibilizadas, mas que muitas vezes não são (Lima, 2008; 2013).

Sobre como o Para Mulheres na Ciência afetou as relações das participantes com estudantes, destacamos a fala:

“[...] eu vejo muitas alunas que sonham em ganhar esse prêmio, e eu acho que tem que sonhar mesmo, sonhar, treinar e realmente ganhar, ir com postura para ganhar.” (Isabela).

Para ela, ser laureada motivou suas estudantes a almejavam o PMNC e fez com que recebessem outros reconhecimentos. Considerando a invisibilização das pesquisadoras, a falta de referenciais femininos pode desencorajar meninas e mulheres a seguirem a carreira acadêmica e a galgarem posições de destaque (Naidek *et al.*, 2020). Portanto, receber a honraria transformou Isabela em uma referência de sucesso, especialmente para as alunas mais próximas, que passaram a vê-la como um exemplo a ser seguido.

As narrativas demonstraram, quase unanimemente, impactos positivos do Programa Para Mulheres na Ciência, com todas as entrevistadas se consolidando e ascendendo após a premiação. Elas destacaram diversas conquistas e afirmaram continuar colhendo os frutos do prêmio, independentemente do tempo passado. No entanto, não podemos perder de vista que a chegada dessas mulheres a posições prestigiadas nas Ciências não implica em uma equidade. O PMNC traz diversos benefícios, mas a academia permanece funcionando sob uma perspectiva patriarcal e, independente do patamar atingido, as pesquisadoras continuam inseridas no labirinto de cristal (Lima, 2008; 2013), lidando rotineiramente com dificuldades e violências que, apesar da consolidação na carreira, ainda podem levar à estagnação ou desistência. Na próxima seção, discorreremos sobre as opiniões das participantes acerca do programa em si.

Opiniões sobre o Programa Para Mulheres na Ciência

Questionamos sobre o que as entrevistadas pensavam acerca do Programa Para Mulheres na Ciência e a maioria enalteceu a premiação, reiterando ser uma iniciativa muito positiva para suas carreiras, para as Ciências e para a luta pela igualdade de gênero. Temos o excerto como exemplo:

“Esse prêmio veio para dar luz a essas trabalhadoras intensivas e que tanto contribuem para a Ciência, para a sociedade, para o Brasil, para o mundo. Muitas pesquisas, vide a época da Covid, como o sequenciamento do genoma do vírus, as professoras envolvidas, ou seja, pesquisas de ponta que estão sendo desenvolvidas por mulheres, trabalhos lindos e que às vezes não são valorizados, sabe? O prêmio ajuda valorizar, dar luz a mulheres que se dedicam tanto para a Ciência [...]” (Helena).

Nesta perspectiva de valorização do trabalho de mulheres cientistas, em uma das conversas foi citada a importância de se ter premiações específicas para elas:

“[...] a gente vê outras premiações, [...] é muita coincidência só ganhar homem e ganhar poucas mulheres, então eu acho que tem que ter um prêmio de mulheres, [...] a gente tem que reconhecer o papel que tem de pessoas vendo mulheres ganhando e depois vendo essas mulheres tendo destaque, mostrando que são realmente importantes na área, se posicionando, são referências. Aí a gente vê várias mulheres que ganharam o L'Oréal anterior que são superimportantes no cenário brasileiro, são super atuantes, então eu acho que é importantíssimo ter um prêmio de mulheres em todas as esferas, né? Esse prêmio nacional que é superimportante, as sociedades científicas, as universidades, eu vejo várias universidades fazendo prêmios, acho que é legal para motivar mais mulheres a ver que eu posso estar lá, sabe? Ela se vê lá.” (Nise).

O Para Mulheres na Ciência é pioneiro no reconhecimento das pesquisadoras e seus impactos são inegáveis. No entanto, não encontramos estudos que avaliassem a repercussão do prêmio nas Ciências e na sociedade em geral e as pesquisas que analisam questões envolvendo as vencedoras ainda são limitadas.

Como mencionado por Nise, outras premiações foram criadas após o PMNC, especialmente depois do surgimento do Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência em 2015. Atualmente, no Brasil, existem honrarias concedidas por diferentes instâncias do governo, sociedades científicas, universidades, entre outros. Mas é difícil determinar se o PMNC provocou mudanças significativas para as mulheres cientistas enquanto classe. Além do surgimento de outras ações afirmativas para pesquisadoras nos últimos anos, nos parece que o impacto deste prêmio se restringe às laureadas, sem que as entidades promotoras atuem mais efetivamente na causa das mulheres nas Ciências. Um indicativo disso é a Academia Brasileira de Ciências, cuja membresia permanece tendo grande disparidade de gênero, apesar de organizar essa iniciativa.

Além disso, com relação aos efeitos para as Ciências em geral, ressaltamos que o PMNC favorece a dinâmica neoliberal e meritocrática existente, atrelada ao modo de produção capitalista. Sendo assim, ao mesmo tempo que o programa traz benefícios ao

visibilizar as pesquisadoras, ele fortalece um modo de fazer Ciência que oprime não apenas as mulheres, mas todas as minorias sociais, o que consideramos um limite.

Também destacamos um comentário sobre o PMNC ser voltado para um tipo específico de mulheres:

“Eu acho que esse prêmio, ele vem com uma proposta realmente de dar um destaque a mulheres fortes, a mulheres que se empenham muito em várias áreas do conhecimento, do ponto de vista nacional, eu acho que é muito importante, nosso país é machista, menos do que foi um dia, evidentemente, mas ainda é muito. Então, não mudou somente a minha vida, mudou a vida de muitas colegas de profissão [...]” (Isabela).

Observamos que a entrevistada reconhecia o machismo na sociedade e que iniciativas como o PMNC são transformadoras para quem tem acesso a elas. Ela também afirmou que o programa valoriza mulheres fortes e empenhadas, o que pode reforçar a ideia de que “mulheres comuns” não são aptas a alcançarem a excelência e serem premiadas. Essa percepção é um reflexo da cultura do PMNC em si que, além de ser uma honraria exclusiva e excludente, coloca as vencedoras nessa posição de “supermulheres” (Lima, 2008; 2013).

Ademais, foram feitos comentários sobre o prêmio valorizar a “boa ciência”, ser uma iniciativa séria, que promove a “ciência de qualidade”, por exemplo:

“Eu acho que a mulher sempre enfrenta mais desafios do que o homem ainda e o reconhecimento é uma forma de você incentivar, não só a pessoa que ganha o prêmio, mas outras mulheres a querer seguir aquela carreira científica, eu acho que isso é importante, eu acho que a gente precisa de mais pesquisa aqui no Brasil, mais Ciência bem-feita aqui no Brasil.” (Anita).

A ideia de “ciência de qualidade” pode estar associada a uma prática científica responsável e honesta, contudo, também pode carregar estigmas que cercam o PMNC. Primeiramente, a distinção entre uma “boa ciência” e uma “má ciência”, quando feita por cientistas das Ciências Exatas, pode conotar uma superioridade em relação às Ciências Humanas (Saffioti, 2015). O próprio PMNC favorece essa visão ao se restringir a poucos campos do conhecimento, nos remetendo a Questira e Magalhães (2015) sobre haver mulheres mais merecedoras de premiações dependendo de suas áreas de atuação. Ainda, a suposta “boa ciência” pode evocar a figura de um cientista que vê sem ser visto, o que Haraway (1995) critica afirmando que a produção científica não deve implicar em um sujeito universal, ao contrário, precisa ser feita por pessoas diversas, que experimentam realidades sociais variadas e produzem a partir de lugares específicos.

Ademais, tais discursos favorecem um empoderamento individual para as laureadas, que contribui com o neoliberalismo. No caso, reforça-se a ideia de que se a maioria das mulheres não conseguiu avançar na carreira, a responsabilidade é delas, seja pela falta de atributos, por não se esforçarem o suficiente ou por não estarem dispostas a lidar com as dificuldades da ascensão social e acadêmica (Saffioti, 2015). O PMNC contribui com esse posicionamento por se tratar de uma iniciativa pautada na meritocracia, sem questionar a lógica produtivista em si. Além das dificuldades existentes em ser altamente produtiva, essa postura também pode afastar as pesquisadoras umas das outras, dos feminismos e de discussões sociais em geral, dificultando o surgimento de redes femininas de solidariedade e colaboração e o questionamento do fazer Ciência.

Esse tipo de empoderamento individualista e raso contribui pouco com a luta pela equidade de gênero nas Ciências e não promove reflexões feministas, sendo que a libertação das mulheres deve ocorrer enquanto classe e em termos do nó gênero, raça/etnia, classe, não somente por meio de conquistas individuais. Além disso, o discurso sobre “mulheres fortes” merecerem prêmios pode indicar quais pesquisadoras estão mais adaptadas ao modelo masculino de carreira das Ciências (Léa Velho, 2006).

Outro aspecto da fala de Anita diz respeito ao PMNC ser um incentivo para outras mulheres se interessarem pela profissão de cientista. A falta de estímulos para que mulheres e meninas se envolvam com as Ciências é um dos principais fatores para a sub-representação feminina na academia. Com isso, incentivos são imprescindíveis na busca pela equidade de gênero no campo, porém, nos questionamos se o prêmio de fato faz a diferença na escolha pela carreira científica para as demais mulheres, ou se as informações sobre ele sequer extrapolam os muros das universidades, seriam necessárias novas pesquisas para aprofundar neste aspecto.

Apesar dos elogios, algumas entrevistadas encontraram limites na premiação e/ou sugeriram melhorias. A abrangência de poucas áreas do conhecimento foi tida como um problema, por exemplo, Isabela afirmou que o PMNC deveria incluir as engenheiras, pois considera muito difícil ser mulher nessa área, na qual ela também atua. A ausência das Engenharias não se justifica em dados, pois são áreas em que as pesquisadoras são ainda menos representativas do que em alguns campos contemplados pelo PMNC (Parent in Science, 15 dez. 2022). As Ciências Humanas e Sociais não foram citadas.

Sugestões sobre expansão também emergiram, incluindo a necessidade de maior divulgação e de iniciativas para pesquisadoras em meio de carreira. Também obtivemos

a sugestão de que fossem mapeados os efeitos do PMNC de forma sistemática, para compreender como ele tem evoluído ao longo do tempo.

No entanto, o comentário que mais chamou a atenção partiu de Leda, uma entrevistada parda e nortista:

“Mas também entender o porquê que a maioria das pesquisadoras que ganharam são brancas, né? Então, assim, eu, na minha edição, se você ver a foto, eu sou a única que não sou branca [...] Isso causa um certo desconforto na questão da representatividade, então outras meninas da Região Norte ganharam, mas não da área das Exatas, como eu falei, e eu acho que isso deveria ser mais difundido, não só para o Norte, como o Nordeste, pesquisadoras negras, né? Então eu acho que falta isso e eu acho legal que eles estão percebendo isso, né? [...] Aí eu olhava, assim, as fotos do prêmio L’Oréal, se você quiser, tiver curiosidade, você parte de todos os anos, brancas, brancas, brancas, brancas, né?” (Leda).

Não localizamos estudos sobre representatividade de raça/etnia no PMNC, mas, como mencionado, basta observar as fotografias para notar a predominância de vencedoras brancas, o que reflete a realidade das Ciências no Brasil de forma geral. Segundo Betina Stefanello Lima, Maria Lúcia de Santana Braga e Isabel Tavares (2015), somente em 2013 a Plataforma *Lattes* inseriu um campo de autodeclaração de raça/etnia, demonstrando o descaso por parte de um dos principais órgãos de fomento com relação a esse aspecto. A partir dos dados, realizaram um levantamento acerca da autodeclaração de bolsistas do CNPq. Os resultados apontaram que, em 2015, pesquisadoras negras recebiam 26,8% do total de bolsas no país, contabilizando desde a Iniciação Científica até a PQ. Ademais, em 2023 a participação de pessoas pardas atingiu sua maior representatividade no sistema PQ, com 15,8% de bolsistas. Já as pessoas pretas possuíam apenas 2,8% das bolsas e indígenas contavam com 0,44% (Parent in Science, 2023).

Portanto, a ausência ainda mais acentuada das mulheres negras nas Ciências, que repercute no PMNC, é um sintoma de uma sociedade patriarcal e racista na qual elas são sempre as maiores prejudicadas. Mulheres negras são socializadas de maneira mais violenta que as brancas, persistindo o estereótipo da empregada doméstica e a sexualização de seus corpos (Saffioti, 1987). As Ciências marginalizam pessoas racializadas de diversas formas, pois, além da exclusão de suas práticas e a subalternização dentro dos laboratórios, por exemplo, as pesquisas sobre a participação de negras/os na academia são incipientes (Lima; Braga; Tavares, 2015).

Recentemente têm surgido iniciativas em prol da equidade racial nas Ciências, como editais priorizando projetos relacionados à discussão étnico-racial e fomentos

específicos para estudantes negras/os, como o mencionado Atlânticas (Ministério da Igualdade Racial, 2023) e o Programa Institucional de Iniciação Científica nas Ações Afirmativas (PIBIC-Af) do CNPq, que fomenta estudantes atendidas/os por ações afirmativas no Ensino Superior (CAPES, 2023). Entretanto, nas esferas mais altas da academia, são poucas as ações em favor de pesquisadoras negras e um exemplo disso é a omissão do próprio Para Mulheres na Ciência nessa pauta.

Por fim, notamos que as entrevistadas reconheciam impactos benéficos do PMNC em suas carreiras e a maior parte das opiniões sobre ele era positiva, além de refletirem sobre as relações de gênero na academia em alguns momentos, mas de maneira superficial. As poucas críticas feitas ao programa podem demonstrar um distanciamento entre pesquisadoras das Ciências Exatas e reflexões de natureza social, provavelmente causado pela reprodução da ideia de neutralidade nas Ciências. Elas se ativeram a comentários de caráter diagnóstico sobre gênero, no caso, reconheciam que existe sexismo, mas não se aprofundaram nas raízes do problema ou em possíveis soluções.

Neste ponto, consideramos uma limitação do PMNC não incluir em seus objetivos uma agenda de discussões feministas sobre a natureza da discriminação de gênero na academia. Considerando a relevância da iniciativa no cenário científico brasileiro, seria importante que não se restringisse ao apoio financeiro e visibilidade para as vencedoras, mas que proporcionasse debates sobre o cerne da questão de gênero, para contribuir de maneira mais sistemática na busca pela equidade.

Considerações Finais

A relevância e o impacto do Programa L'Oréal-UNESCO-ABC Para Mulheres na Ciência são inegáveis para as mulheres que o recebem, mas existem problemas. Em primeiro lugar, a imagem promovida das vencedoras deve ser questionada, pois além do enaltecimento de uma feminilidade ritualizada, há o reforço da ideia de que elas são especiais, possuem um dom. Esse tipo de discurso é prejudicial para a luta pela equidade de gênero, ao mesmo tempo que pode desmerecer a trajetória das próprias laureadas, cujo caminho possivelmente envolveu dificuldades não apenas referentes às suas formações, mas decorrentes do nó gênero, raça/etnia e classe social. O programa se coloca como um incentivador para mulheres jovens, então seria importante representar as Ciências como um espaço possível, alcançável, onde existem mulheres diversas e comuns, trabalhando muitas vezes sob esquecimento.

Além disso, não podemos perder de vista que o PMNC recompensa a altíssima produtividade de cientistas ainda jovens, fortalecendo a lógica produtivista da academia e operando sob um feminismo neoliberal. A meritocracia fundamenta o que deveria ser uma ação afirmativa, sendo que o PMNC incentiva as mulheres a jogarem cada vez mais o jogo da produtividade acadêmica, sem questioná-lo. Assim, elas permanecem afastadas da crítica feminista acerca dessa dinâmica.

As entrevistadas estavam conseguindo consolidar-se e ascender na pesquisa, mas não de forma justa ou comparável com os homens. Portanto, notamos que o PMNC fez com que alcançassem um patamar mais elevado na carreira, porém as violências não deixam de existir nas trajetórias delas, haja visto que as Ciências produzem e reproduzem opressões de gênero, raça/etnia e classe.

Refletimos também sobre o ganho de respeito e credibilidade a partir da premiação. Em um contexto altamente competitivo e preconceituoso, mulheres e demais minorias sociais não possuem o privilégio da mediocridade, considerando que ocupar o ambiente das Ciências implica em sempre estar sujeita ao questionamento de sua legitimidade. Sendo assim, a credibilidade exige feitos tamanhos que transcendam em certa medida as barreiras de gênero, raça/etnia e classe: é preciso ganhar prêmios, ou muitos anos a mais de contribuição, ou um currículo muito extenso, ou mesmo essas e outras conquistas somadas. Os homens não precisam de grandes êxitos para serem ouvidos, pois construiu-se como natural sua presença nas Ciências. Para estudos futuros, questionamos: o que acontece com as mulheres não premiadas e sem grandes conquistas?

Por outro lado, a constituição de referenciais femininos nas Ciências talvez seja a principal contribuição do PMNC para a comunidade científica, mas as dimensões desse impacto para além das vencedoras requer novos estudos. Mais um caminho necessário para investigações futuras seria uma análise das relações étnico-raciais no contexto do PMNC, devido a nítida predominância de vencedoras brancas.

Receber essa honraria nitidamente alavanca o desenvolvimento profissional, mas as relações de gênero, raça/etnia e classe permanecem. Por isso, reforçamos a importância de a premiação ir além do dinheiro e da visibilidade, precisa tomar frentes mais sistemáticas em busca de verdadeiras mudanças para as cientistas. É preciso combater o cerne do problema, ou seja, o fato do meio acadêmico ser baseado nas discriminações de gênero, raça/etnia e classe e estar condicionado à lógica produtivista da economia.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. Programa L'Oréal-UNESCO-ABC Para Mulheres na Ciência. *Academia Brasileira de Ciências*, Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: abc.org.br/nacional/programas-cientificos-nacionais/programa-loreal-abc-unesco-para-mulheres-na-ciencia/. Acesso em: 24 mai. 2024.

ASSIMETRIAS na pós-graduação devem ser combatidas [...]. *UFCSA – Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre*, Porto Alegre, 25 out. 2023. Disponível em: ufcsa.edu.br/noticias/materias-de-capa/5277-reducao-das-assimetrias-na-pos-graduacao-brasileira-e-defendida-por-diretor-da-capes. Acesso em: 12 jun. 2024.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

CAPES. Programa Institucional de Iniciação Científica nas Ações Afirmativas (PIBIC-Af). *CAPES*, Brasília, 19 dez. 2023. Disponível em: gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/programas-estrategicos/formacao-de-recursos-humanos-em-areas-estrategicas/parceria-capes-cnpq/programa-institucional-de-iniciacao-cientifica-nas-acoes-afirmativas-pibic-af. Acesso em: 20 nov. 2024.

CASEIRA, Fabiani Figueiredo; MAGALHÃES, Joanalira Corpes. “Para mulheres na ciência”: uma análise do programa da L'Oréal. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 10, n. 2, p. 1523-1544, 2015.

CASEIRA, Fabiani Figueiredo. *O mundo precisa de ciência, a ciência precisa de mulheres: [...]*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016.

CUNHA, Rocelly; DIMENSTEIN, Magda; DANTAS, Candida. Desigualdades de gênero por área de conhecimento na ciência brasileira: panorama das bolsistas PQ/CNPq. *Saúde Debate*, Rio de Janeiro, v. 45, v. Especial 1, p. 83-97, out 2021.

FONDATION L'ORÉAL. *Laureates [...]*. Paris, [s.d.]. Disponível em: foundationloreal.com/our-programs-women-science/laureates-loreal-unesco-women-science-international-award. Acesso: 24 mai. 2024.

FOR WOMEN IN SCIENCE. *Homepage*. Paris, c2024. Disponível em: forwomeninscience.com/. Acesso em: 24 mai. 2024.

FOR WOMEN IN SCIENCE. *Regras e Regulamento “Para Mulheres na Ciência” 2024*. Paris, p. 1-5, 2024. Disponível em: forwomeninscience.com/statics/filemanager/Regulamento%20Para%20Mulheres%20na%20Cie%CC%82ncia%202024.pdf. Acesso em: 20 jun. 2024.

FREY, Bruno; GALLUS, Jana. Towards an Economics of Awards. *Journal of Economic Surveys*, Oxford, v. 00, n. 0, p. 1-11, 2015.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995.

HEERDT, Bettina; SANTOS, Ana P. O.; BRUEL, Andréa C. B. O.; FERREIRA, Fernanda M.; ANJOS, Mariane C.; SWIECH, Mayara J.; BANCKES, T. Gênero no Ensino de Ciências publicações em periódicos no Brasil: o estado do conhecimento. *Revista Brasileira de Educação em Ciências e Educação Matemática*, Cascavel, v. 2, n. 2, p. 217-241, ago. 2018.

HIRATA, Helena Sumiko. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. *Revista Tecnologia e Sociedade*, Curitiba, v. 6, n. 11, p. 1-7, 2010.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. *In*: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (Org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 67-75.

LIMA, Betina Stefanello. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na física. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 883-903, 2013.

LIMA, Betina Stefanello. *Teto de Vidro ou Labirinto de Cristal?* [...]. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

LIMA, Betina Stefanello; BRAGA, Maria Lúcia de Santana; TAVARES, Isabel. Participação das Mulheres nas Ciências e Tecnologias: entre espaços ocupados e lacunas. *Gênero*, Niterói, v. 16, n. 1, p. 11-31, 2015.

LIMA, Betina Stefanello; COSTA, Maria Conceição da. Gênero, ciências e tecnologias: [...]. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 48, e164805, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa Social*: [...]. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 9-29.

MINISTÉRIO DA IGUALDADE RACIAL. Ministério da Igualdade Racial lança programa [...]. *Ministério da Igualdade Racial*, Brasília, 20 jul. 2023. Disponível em: gov.br/igualdaderacial/pt-br/assuntos/copy2_of_noticias/ministerio-da-igualdade-racial-lanca-programa-de-concessao-de-bolsas-para-mulheres-negras-quilombolas-indigenas-e-ciganas-na-universidade-federal-do-para. Acesso em: 20 nov. 2024.

NAIDEK, Naiane; SANTOS, Yane H.; SOARES, Patricia; HELLINGER, Renata; HACK, Thayna; ORTH, Elisa S. Mulheres Cientistas na Química Brasileira. *Química Nova*, n. 43, n. 6, p. 823-836, 2020.

NAZARENO, Elias; HERBETTA, Alexandre Ferraz. A pós-graduação brasileira: [...]. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 24, n. 2, p. 103-112, 2019.

NUNES, Paula. *Um Ato de Poder*: [...]. 2017. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

PARENT IN SCIENCE. [...] *bolsas de produtividade em pesquisa (PQ) do CNPq* [...] das ENGENHARIAS. [S.l.], 15 dez. 2022. X: @parentinscience. Disponível em: x.com/parentinscience/status/1603334565195616256. Acesso em: 19 nov. 2024.

PARENT IN SCIENCE. *Na grande área das Ciências Exatas e da Terra*. [S.l.], 3 dez. 2022. X: @parentinscience. Disponível em: x.com/parentinscience/status/1599091176308514817. Acesso em: 19 nov. 2024.

PARENT IN SCIENCE. *Quanto à raça/cor, vemos um aumento de pessoas pardas entre bolsistas*. [S.l.], 10 set. 2023. X: @parentinscience. Disponível em: x.com/parentinscience/status/1700935005873012975. Acesso em: 19 nov. 2024.

PEREIRA, Juliana Cardoso. *A inserção das mulheres na ciência*: [...]. 2019. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SARTHOU, Nerina Fernanda. Instrumentos para la promoción de la participación de la mujer en la ciencia: los Premios L'Oréal-UNESCO en Argentina. *Desafíos*, Bogotá, v. 31, n. 1, p. 83-120, 2019.

SBQ. Diretorias Anteriores. *Sociedade Brasileira de Química*, São Paulo, c2024. Disponível em: sbq.org.br/diretorias-antteriores/. Acesso em: 27 mai. 2024.

THE NOBEL PRIZE. *All Nobel Prizes*. Estocolmo, c2024. Disponível em: nobelprize.org/prizes/lists/all-nobel-prizes/. Acesso em: 20 nov. 2024.

VELHO, Léa. Prefácio. In: SANTOS, Lucy W.; ICHIKAWA, Elisa Y.; CARGANO, Doralice F. (Org.). *Ciência, tecnologia e gênero: desvelando o feminino na construção do conhecimento*. Londrina: IAPAR, 2006. p. xiii-xviii.

Recebido em agosto de 2024.

Aprovado em novembro de 2024.